

O DRAMA DOS DOENTES E FAMÍLIAS

Não são atendidos

Os sustos aconteceram ao mesmo tempo, os dois fora de controle e de qualquer previsão: o infarto do irmão José Gonçalves, de 38 anos, e a greve nos hospitais. Apavorada com os imprevistos, sem saber o que fazer, a dona-de-casa Cleusa Gonçalves do Nascimento, ontem à tarde, refletia sobre seus dois problemas, no pátio do Hospital do Mandaqui: "A gente senta na frente da televisão, vê as notícias de greve e fica pensando: o que eu tenho com isso? Mas, quando é pessoa da família que precisa de socorro numa hora dessas, aí a gente vê como a situação é triste".

Até sexta-feira, Cleusa assistiu pela TV a greve dos funcionários do Hospital das Clínicas. Mas o que tinha a ver com isso? Naquela mesma tarde, porém, o irmão José, vendedor ambulante, teve de ser levado às pressas, com um infarto, ao Hospital do Mandaqui. Ali, ela viu, bem na sua frente, o início da mobilização dos enfermeiros e atendentes, todos dispostos a parar o trabalho. "Meu irmão chegou em estado grave e puseram ele numa cadeira", conta. "Depois de muita briga, arrumaram uma maca. Que coisa mais triste depender de hospital público."

No sábado, não havia remédio para José. "Meu filho teve de ir comprar numa farmácia", diz Cleusa. "Agora, com o pessoal daqui quase parando, fico nesse desespero." No domingo, o secretário estadual da Saúde, Vicente Amato Neto, se recusava a negociar com médicos e funcionários de outros hospitais em greve: "Não admito que usem doentes como reféns de negociações". Ontem, José piorava. E Cleusa se desesperava: "Me falaram que eu vou ter de arrumar em outro hospital. Mas onde se quase todos estão em greve?"

Maria Helena Fonseca, 32 anos, também passou por maus momentos ontem no Hospital do Mandaqui. Com os joelhos atrofiados por causa de um aneurisma não conseguiu fazer a sessão de fisioterapia. "O pessoal disse que sentia muito, mas não podia me atender", contou. Faz dois meses que Maria Helena precisa fazer os exercícios às segundas e quartas-feiras. "Se eu fizer direito, sem nenhuma falta, o médico disse que em seis meses posso voltar a andar sozinha", explicou. "Agora, sem o atendimento, vai demorar mais."

Há poucos meses, Maria Helena prestou concurso para servente de escolas do Estado. "Eu passei, fui chamada, mas como posso trabalhar desse jeito? Acho que vou até perder a vaga", diz. Ontem, ali no hospital, deram a ela um único aviso: "Me mandaram acompanhar a greve pelo rádio e só voltar quando estiverem atendendo".

Francisco Lozan, um motorista desempregado de 56 anos, também só encontrou portas fechadas no Hospital das Clínicas: "Eu tenho reumatismo, estou com muitas dores nas pernas, não estou podendo nem andar", queixou-se. "Vim aqui para ver se me davam um remédio, porque não posso comprar. Sei que nesse hospital o pessoal arruma amostras grátis." Mas não havia ninguém no balcão da farmácia do HC. "Não tenho TV nem rádio em casa e não sabia da greve. Agora, vou sair por aí."

Marinês Campos